

ESCOLAS NÃO CONVENCIONAIS: OUTROS TEMPOSESPAÇOS COTIDIANOS

Palavras-Chave: Escola não-convencionais; Cotidiano escolar; Escolas alternativas.

ÍCARO QUEIROZ, FE/UNICAMP

Prof^a. Dr^a. ADRIANA VARANI, FE/UNICAMP

Financiado por CNPQ

PRIMEIRAS PALAVRAS

Passamos, em média, 16 anos na escola, o que nos traz consequências e aprendizados que carregamos para toda a vida. São anos importantes de nossa trajetória em que trabalhamos arduamente na construção do nosso ser e de conhecimentos. No entanto, devemos nos questionar: será que a escola foi um lugar de pleno desenvolvimento crítico, social e cultural? Será que este foi um ambiente que acolheu e possibilitou aquilo que Freire (2022) chama de *ser mais*? Será que apenas estar dentro da sala de aula, com mesas enfileiradas e uma pessoa falando tudo que deve ser aprendido realmente funcionou? Foi em meio a estes questionamentos que me peguei sentindo certo desconforto sobre a maneira que o ambiente escolar está majoritariamente organizado e a me indagar também se eram possíveis outras formas de organização da escola, tomando-a enquanto um *tempoespaço*¹ que deve ser educacional, (in)formativo e estimulante.

Assim dentre os diversos aspectos da escola que podem estar abertos a discussão, escolho nesta pesquisa abordar os *tempoespaços* escolares pois acredito que, além de serem estruturantes, eles contribuem para manter a forma hegemônica de educação escolar. Além disso, “os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais” (FREIRE, 2020, p.69) e contribuem para manter uma educação pouco crítica, alegre e criativa.

Destes questionamentos nasce o projeto com o tema: “Escolas não convencionais: outros *tempoespaços* cotidianos”. O projeto teve como objetivo estudar narrativas de

¹ Optamos por colocar os termos grafados juntos porque pela perspectiva dos estudos do cotidiano escolar, eles não são pensados dissociadamente.

experiências cotidianas de educação alternativa (ou não convencional, como veremos mais adiante) em instituições escolares com o intuito de identificar os modos de organização curricular, a configuração dos *temposespaços* no cotidiano da experiência e os modos da organização coletiva dos sujeitos envolvidos.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Dada a escolha do tema, a metodologia utilizada nesta pesquisa foi, sobretudo, o levantamento bibliográfico. Este recurso se baseia em reunir produções bibliográficas (artigos científicos, dissertações e teses) que contenham narrativas de experiências pedagógicas acerca dos modos como profissionais da educação constroem formas não convencionais de organização escolar. Também dedicamos um tempo para estudo de referências que problematizam o conceito de escolas alternativas, escolas não convencionais e educação popular.

O levantamento bibliográfico foi, inicialmente, realizado pela Plataforma Scielo. Definimos os seguintes descritores de busca: “educação não tradicional”; “escola democrática”; “educação democrática”; “escola alternativa”; “escola não tradicional”; “educação alternativa”; “escola não convencional”; “educação não convencional”; “escola emancipadora”; e, “educação emancipatória”. Foram encontrados o total de 13 artigos, entre os quais 6 são de narrativas de experiências e 7 de cunho mais teórico.

Vale ressaltar também que algumas experiências escolares não convencionais que compõem as reflexões elaboradas nesta investigação foram (re)conhecidas por nós por meio de conversas com professores/as da FE/UNICAMP; por meio da participação em rodas de conversa virtuais promovidas no contexto do Pré-evento do IV Seminário do LOED (Laboratório de Observação e Estudos Descritivos) entre fevereiro e abril de 2024, onde ocorreram virtualmente quatro encontros com apresentações de distintas experiências do Brasil de escolas não convencionais; e por meio dos diálogos estabelecidos com membros do Grupo de Estudos Cotidianos Escolares, Práticas Pedagógicas e Formação (GRECOTIDIANO), especialmente a professora Ma. Carollina Ribeiro.

A partir da leitura de cada material encontrado foi elaborado um texto em que eu descrevia minha compreensão da organização da experiência no que se refere, principalmente, à organização dos *temposespaços*.

ALGUMAS REFLEXÕES

Ao longo do trabalho de leitura do material encontrado, nos detivemos em pensar alguns aspectos que serão apresentados a seguir.

1) A organização escolar

Tínhamos como objetivo inicial estudar a organização escolar especialmente na dimensão dos *tempospaços*. Ao ler os materiais fomos identificando que as experiências não se restringem ao tempo da hora aula e nem tampouco do espaço sala de aula para que ocorram as aprendizagens e as ensinagens. Os espaços da comunidade, os espaços do pátio, das áreas verdes, dos campos são potentes para as aprendizagens. Logo vão se expandindo. Isto se percebe de maneira muito clara no Instituto de Educação Josué de Castro, que oferece tanto o Ensino Médio quanto o Ensino Profissionalizante, bem como oficinas e cursos livres. Tem como norteadora Paulo Freire, Pistrak e a pedagogia das alternâncias, em que estudantes dividem seu período escolas em Tempo Escola, em que desenvolvem oficinas e leituras, por exemplo, e Tempo Comunidade, no qual voltam para seus respectivos bairros e contribuem para a construção do espaço, o que gera uma interessante dinâmica de troca entre os conhecimentos entre escola e instituto. Ainda sobre o espaço escolar, ocorre o regime de internato com educação integral.

Um aspecto que se refere à organização escolar diz respeito ao tema da gestão escolar. Apesar de não ser nosso foco, fomos percebendo que na maioria das experiências há espaços para construção de uma gestão mais democratizada, como conselhos, coletivos, assembleias. E aqui fomos percebendo que este tema estava ligado ao nosso interesse em entender a dimensão coletiva das experiências. A dimensão da gestão democrática ficou mais clara após tomarmos conhecimento sobre a Escola Comunitária Luiza Mahin, que desde seus princípios foi construída por uma comunidade de mulheres na década de 90 e que até hoje mantém esta características.

2) A construção do termo “não convencional”;

A escolha do termo foi feita de maneira cuidadosa a fim de evitar armadilhas conceituais que possam causar desentendimentos. Ao utilizar os descritores, percebi que nenhum deles se referia propriamente àquilo que tínhamos como conhecimento de uma escola que fugisse dos padrões conhecidos pelo senso comum. Por esse motivo, chegamos a duas possibilidades, “não convencional” e “não tradicional”. Inicialmente usamos o termo “não tradicional”, uma vez que procuramos experiências de escola que se pautam por uma educação de tendência pedagógica que não seja tradicional. O fato é que além de não

tradicional, também estariam experiências que não são tecnicistas. O termo “não tradicional” também não seria suficiente para nomear as experiências. pois é definido em dicionário como “1- Relativo a tradição ou que se transmite por meio dela 2 - Fundado ou conservado na tradição.”(TRADICIONAL, 2024), que pode associar tais escolas como instituições fundadas na falta de uma tradição. Passamos a pensar no termo “convencional”, pois refere-se à uma forma mais utilizada popularmente: “1- Concernente a ou resultante de convenção, ou até mesmo 2 - Conforme às convenções sociais; consolidado pelo uso; normatizado, padronizado” (CONVENCIONAL, 2024)

Encontramos o trabalho de Mito (2022), em que utiliza do termo convencional e não convencional para estudar tais tipos de experiências.

A educação convencional é aquela que está em contrassenso com o atualidade, que já está ultrapassada do ponto de vista da ciência pedagógica, que prejudica o avanço das transformações paradigmáticas, é antiquada para o presente. O “convencional” fica aqui, então, compreendido como essas amarras que enrijecem o paradigma, reforçando-lhe seu caráter de difícil irrefutabilidade. Amarraduras, quase enraizadas, localizadas em pontos da trama paradigmática. “Nós enrijecidos” que estagnam as transformações. (p.67)

Desta forma o termo não- convencional para as experiências foi uma opção para a continuidade do estudo.

3) Entre o público e o privado nas experiências;

Escolhemos fazer o levantamento de escolas públicas brasileiras porque acreditamos no compromisso de uma educação que tenha como princípios a inclusão, a participação, a liberdade, a democracia, o desenvolvimento de um pensamento crítico e comprometido com uma qualidade socialmente referenciada e uma educação do povo. No entanto, em meio ao movimento metodológico, diversas experiências de escolas privadas foram encontradas. Apesar de não ser nosso foco, este dado nos chamou a atenção e nos fez questionar sua existência e se trabalhavam com os mesmos princípios que defendemos quando optamos pela escola pública. Não fizemos um estudo sobre este tema, o que merece ser feito. Mas gostaríamos de levantar uma hipótese. Talvez, diferentemente das escolas públicas que (re)existem à cultura de um sistema capitalista e hegemônico de educação porque lutam pela rompimento de uma educação pautadas na submissão e em conhecimentos colonizadores, as escola privadas não convencionais continuam fortalecendo uma sociedade pautada na desigualdade econômica e social, com um discurso socialmente aceito de adaptação à uma nova organização social.

4) A dificuldade de encontrar as experiências;

Nas referências bibliográficas que investigamos na plataforma Scielo, poucas foram as narrativas de experiências. As poucas referências encontradas estavam analiticamente apresentadas e não narradas. A maior parte das experiências nos foram apresentadas pela informalidade, em conversar, em diálogos estabelecidos com diferentes pessoas. Por exemplo, do diálogo estabelecido com professoras e professores da graduação e o grupo de estudos GRECOTIDIANO, encontramos o site <https://reevo.wiki/BR>, onde constam outras 106 experiências no Brasil. Ou então, foram encontrados a partir de pesquisas em buscadores da internet como o google. Isto pode nos levar a questionar se e como elas estão presentes no campo da produção de conhecimento da educação, em especial no espaço da universidade.

PALAVRAS FINAIS

Diante dos dados produzidos e dos estudos realizados pode-se concluir que as experiências de educação não convencionais (em escolas públicas) têm sido uma resposta ao resultado que a educação hegemônica deixou após anos de construção de uma escola rígida, autoritária e de costas para o mundo. É possível perceber que elas apresentam para a sociedade outra forma de se construir enquanto um tempo-espaço que se propõe a não só construir o conhecimento, mas também fazer isto de forma coletiva.

Também vale a pena dizer sobre o aprendizado no campo da produção científica. Participar da IC foi especial e ensinou como conduzir um trabalho metodológico que deixará marcas no percurso formativo como professor.

BIBLIOGRAFIA

CONVENCIONAL. In: Michaelis Online. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2024. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/convencional>>. Acesso em 29/01/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020

MIOTO, Luis Henrique. **ESCOLAS NÃO-CONVENCIONAIS: UM ESTUDO SOBRE DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS INOVADORES**. 2022. 573 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

TRADICIONAL. In: Michaelis Online. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2024. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=tradicional>>. Acesso em 29/01/2024.